



## 05 DE AGOSTO DE 2015

### Quarta-feira

- CONFIANÇA EM BAIXA E DESEMPREGO AFETARAM INDÚSTRIA EM JUNHO, DIZ O IBGE
- TATA STEEL TRANSFORMA NEGÓCIO DE AÇO LONGO EM UNIDADE AUTÔNOMA
- LIQUIDAÇÃO DE CONTRATOS DE ENERGIA DE JUNHO NÃO SERÁ ADIADA, DIZ ANEEL
- PROGRAMA QUER INCENTIVAR EMPRESAS BRASILEIRAS A DESENVOLVER SOFTWARES
- TERCEIRIZAÇÃO ELEVA EMPREGO FORMAL NO PAÍS, DIZ A LCA CONSULTORES
- CEO DA BMW COLOCA TENDÊNCIAS DIGITAIS NO CENTRO DE REVISÃO DE ESTRATÉGIA
- MONTADORAS ALEMÃS COMPRAM NEGÓCIO DE MAPAS DA NOKIA POR CERCA DE 2,5 BI DE EUROS
- COMBATE À CORRUPÇÃO É POSITIVO PARA CRÉDITO, AVALIA MOODY'S
- RENAULT ANUNCIA NOVO PRESIDENTE PARA O BRASIL
- FATURAMENTO DA INDÚSTRIA CAI 5,5% EM JUNHO, DIZ CNI
- IBGE: PRODUÇÃO INDUSTRIAL FECHA PRIMEIRO SEMESTRE COM QUEDA DE 6,3%
- BRASIL ESTÁ EM RECESSÃO DESDE O 2.º TRIMESTRE DE 2014, DIZ COMITÊ
- SETOR AUTOMOTIVO DERRUBA PRODUÇÃO INDUSTRIAL NO 1º SEMESTRE
- EDITORIAL: PROSTRAÇÃO INDUSTRIAL
- CARVÃO NA ENCRUZILHADA
- ESTUDO IMAGINA POLO DE INDÚSTRIA AUTOMOTIVA NA BOLÍVIA E NO PARAGUAI
- GOVERNO ENQUADRA PROJETO DA VALE PARA EMISSÃO DE DEBÊNTURES DE

## INFRAESTRUTURA

- ESTOQUE DE CRÉDITO PARA CONSÓRCIO CRESCE 7,4% NO 1º SEMESTRE
- MINERADORA RESPONSÁVEL POR VAZAMENTO NA APA DE GUAPIMIRIM É INTERDITADA NO RIO
- SENADORES COBRAM DE JOAQUIM LEVY PAUTA PROPOSITIVA PARA A ECONOMIA
- TOYOTA NÃO ESTÁ OTIMISTA COM A LUCRATIVIDADE NA CHINA
- GM INVESTIRÁ US\$877 MI PARA MODERNIZAR FÁBRICA NOS EUA
- BMW DIZ QUE CHINA PODE COLOCAR SUAS PERSPECTIVAS EM RISCO
- INDICADOR DA FGV DE DESEMPREGO AVANÇA 1,2% EM JULHO
- INCENTIVOS DO INOVARAUTO SÃO PERMITIDOS NA OMC, DIZ ANFAVEA
- MAIS DA METADE DOS CONSUMIDORES ACREDITA QUE ECONOMIA VAI PIORAR
- ARTIGO: AS CRISES GÊMEAS
- CAIXA DISPONIBILIZA LINHA DE CRÉDITO IMOBILIÁRIO PARA EMPRESAS
- USO DA CAPACIDADE ATINGE 80,1% EM JUNHO, DIZ CNI
- O FIM DO TRABALHO?
- FENACON ALERTA QUE MEDIDA AFETARÁ SEGMENTO ECONÔMICO QUE CONGREGA 99,2% DE TODAS AS EMPRESAS DO PAÍS
- FIM DA AVENTURA BRASILEIRA DE YUNLIHONG
- MERCEDES-BENZ ANUNCIA RECALL DE 87 AUTOMÓVEIS NO BRASIL

<b>CÂMBIO</b>		
<b>EM 05/08/2015</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,488	3,489
<b>Euro</b>	3,791	3,792

Fonte: BACEN

## Confiança em baixa e desemprego afetaram indústria em junho, diz o IBGE

05/08/2015 – Fonte: Época

A baixa confiança dos empresários e dos consumidores, o aumento do desemprego e a queda na renda das famílias são fatores negativos que pesam sobre a produção industrial, afirmou há pouco André Macedo, gerente da Coordenação de Indústria do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para haver uma melhora na atividade, apenas com a reversão de todos esses fatores, notou.

"O baixo nível de confiança dos empresários e do consumidor, a incerteza para realizar investimentos e consumir, o aumento da taxa de desemprego, a renda disponível das famílias diminuindo, seja porque você tem inflação mais alta ou porque você permanece com comprometimento com outras dívidas, e o mercado externo ainda adverso pontuam trajetória descendente que marca a produção da indústria", disse Macedo.

Até o momento, o gerente observa que a indústria apresenta uma "queda importante", de 6,3% no primeiro semestre deste ano em relação a igual período de 2014.

Os veículos têm o principal impacto negativo, com baixa de 20,7% no período, mas não é o único setor. Ao todo, 24 das 26 atividades pesquisadas têm retração nesta base.

"Se você reverte toda essa conjuntura desfavorável, você pode ter melhora na produção. Ou seja, para qualquer reversão de cenário, esses fatores têm de sair desse contexto conjuntural. E são fatores que já estão há algum tempo", explicou Macedo.

### Atividade

A indústria brasileira opera 12,2% abaixo do pico histórico, atingido em junho de 2013. Com isso, a atividade atual é comparável a níveis de julho de 2009, numa "clara tentativa" da indústria de tentar adequar os estoques acumulados à demanda, segundo André Macedo, gerente da Coordenação de Indústria do IBGE.

"A distância do patamar histórico nos dá dimensão da redução de ritmo", disse Macedo. "Ao mesmo tempo, a situação lá em 2009 tinha motivações distintas. Foi uma crise internacional que trouxe incerteza para o mercado interno. Agora, a desaceleração chama muito mais atenção", acrescentou.

Segundo o gerente, a saída adotada pelo governo para a crise em 2009 foi investir no mercado interno, que estava "em um momento melhor".

"O estímulo via redução do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) naquela época funcionou. Agora, tem-se queda (na produção) importante, e um possível esgotamento dessa política e mercado de trabalho não funcionando como funcionava são dificuldades", afirmou.

De acordo com o IBGE, a baixa de 6,3% no primeiro semestre deste ano em relação a igual período de 2014 foi a mais intensa desde o primeiro semestre de 2009, quando a queda foi de 13,0% no mesmo tipo de confronto.

Além disso, na comparação de mês contra igual mês do ano anterior, o resultado de junho (-3,2%) foi o 16º negativo consecutivo, algo inédito na série, iniciada em janeiro de 2002.

### Segundo trimestre

A produção industrial recuou 2,1% no segundo trimestre de 2015 em relação aos três primeiros meses do ano, calculou o IBGE ) a pedido do Broadcast, serviço em tempo real

da Agência Estado. A retração foi puxada pela categoria de bens de capital (-9,9%) e de bens de consumo duráveis (-8,8%), mas todas apresentaram comportamento negativo.

Em menor intensidade, também tiveram retração na produção no segundo trimestre em relação ao primeiro as categorias de bens de consumo semi e não duráveis (-1,8%) e de bens intermediários (-1,4%).

O IBGE não costuma divulgar os números trimestrais ajustados sazonalmente, que permitem a visualização da trajetória da atividade em relação ao trimestre anterior, porque os métodos de ajuste e de cálculo diferem da estimativa da indústria no âmbito do Produto Interno Bruto (PIB). O instituto opta por anunciar de forma oficial apenas os dados em relação a igual trimestre do ano anterior.

Nesta comparação, a produção industrial teve queda de 6,7% em relação ao segundo trimestre de 2014, a maior baixa desde o terceiro trimestre de 2009.

### **Câmbio**

A desvalorização do real ante o dólar já traz alguns efeitos positivos sobre a produção industrial, segundo Macedo. Apesar disso, a influência é pontual em alguns setores e não reverte o cenário negativo em que se insere a indústria como um todo, salientou.

"O câmbio tem favorecido os setores de celulose, aves e minério de ferro. Eles têm comportamento diferente da indústria, com influência do câmbio nesse processo. Mas por enquanto ainda não tem reversão de cenário, é um reflexo setorial", explicou Macedo.

No segundo trimestre de 2015, a produção de celulose cresceu 4,4% em relação a igual período de 2014. Nos primeiros três meses do ano, a alta havia sido de 1,7%, no mesmo tipo de confronto.

O avanço, segundo o gerente, é uma evidência do impacto positivo do câmbio nas exportações. "Provavelmente os favorecidos são os que já têm viés para mercado externo", afirmou.

Por outro lado, a valorização do dólar também pode prejudicar setores que utilizam de forma intensiva insumos vindos do exterior, reconheceu Macedo. "Isso traz uma preocupação. Um exemplo é o setor farmacêutico, cuja queda na produção pode ter relação com o custo adicional em função do câmbio", disse.

"Mas de alguma forma isso também pode ser uma saída uma vez que você pode substituir os produtos importados por produção doméstica. É claro que depende de negociação e de como as empresas utilizam esses insumos na produção de seu bem final", acrescentou.

## **Tata Steel transforma negócio de aço longo em unidade autônoma**

05/08/2015 – Fonte: Reuters

A Tata Steel transformou seu negócio de aço longo em uma unidade autônoma para permitir que outras opções estratégicas sejam buscadas depois de notícias de que o Klesch Group deixou as negociações para a compra do negócio, disse a empresa nesta terça-feira.

"O negócio começou a operar como unidade autônoma, subsidiária controlada integralmente, desde 2 de agosto", disse a Tata em comunicado.

"O status de autonomia para o negócio de produtos longos vai também permitir opções estratégicas alternativas a serem avaliadas e colocadas em prática."

A Tata disse que tomou conhecimento dos comentários na mídia de que o grupo suíço Klesch teria a intenção de abandonar negociações sobre a potencial venda do negócio de aço longo.

### **Liquidação de contratos de energia de junho não será adiada, diz Aneel**

05/08/2015 – Fonte: Reuters

A liquidação financeira dos contratos de energia elétrica no mercado de curto prazo referentes a junho, prevista para quarta e quinta-feira desta semana, está mantida, disse nesta terça-feira o diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Romeu Rufino.

"Não identificamos necessidade de adiamento", disse Rufino a jornalistas em intervalo da reunião de diretoria da Aneel, afirmando que a expectativa é de que a liquidação, realizada pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), ocorra dentro da normalidade.

O ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga, havia dito na segunda-feira passada que a liquidação seria suspensa para dar tempo à costura de um acordo com as empresas sobre o déficit de geração hidrelétrica.

Isso porque diversas empresas que operam hidrelétricas obtiveram liminares que as protegem contra o déficit de geração das usinas, que vem sendo registrado nos últimos dois anos devido à seca e ao intenso uso de termelétricas. Com a corrida aos tribunais, as empresas que não possuem proteção judicial ficam sujeitas cumprir com as obrigações das demais na liquidação financeira realizada pela CCEE, uma vez que eventuais inadimplências são rateadas.

No caso de ser registrada inadimplência devido ao déficit hidrelétrico, a conta seria dividida entre todas as empresas que possuem usinas hídricas e as distribuidoras, que assumiram o risco hidrológico de usinas cuja concessão foi renovada a tarifas menores a partir de 2013.

"Há liminares concedidas sobre o GSF (risco hidrológico), e isso impacta em alguma medida nas distribuidoras, mas dado o comportamento da arrecadação da conta de bandeira (tarifária), há uma expectativa de que isso possa comportar a liquidação que será feita", disse Rufino. As bandeiras tarifárias, implementadas a partir do início deste ano, elevam o valor do quilowatt-hora para o consumidor para refletir escassez de energia no sistema, sendo que a arrecadação extra é repassada para cobrir custos das distribuidoras.

### **Programa quer incentivar empresas brasileiras a desenvolver softwares**

05/08/2015 – Fonte: Época Negócios



O Ministério das Comunicações lançou hoje (04/08) um programa para estimular a criação de parques tecnológicos no Brasil, visando ao desenvolvimento de instalações de pesquisa e laboratórios destinados ao desenvolvimento de softwares para computadores e smartphones.

De acordo com o edital do Programa Usinas Digitais, estão previstos R\$ 8 milhões em investimentos, a serem divididos entre os dois projetos que vencerem a seleção.

Os projetos serão implementados por meio de parcerias entre os governos federal, estaduais e municipais e a iniciativa privada. As empresas aglutinadas em um mesmo polo terão acesso compartilhado a recursos, equipamentos e infraestrutura de ponta.

“O Ministério [das Comunicações] e os governos locais podem auxiliar, por exemplo, com equipamentos para homologação, edição de conteúdos e uma série de equipamentos criativos. Esse equipamento pode ser disponibilizado em regime de rodízio, para ajudar a produzir e a colocar esses produtos no mercado”, explicou o ministro das Comunicações, Ricardo Berzoini, após participar da cerimônia de lançamento do edital.

“Esse mercado [de produção de conteúdos para smartphones] tem crescido muito no mundo. O Brasil já produz bastante e se destaca na produção, mas queremos dar mais apoio a quem tem a capacidade de elaborar, produzir, tem criatividade mas não tem meios para produzir”, acrescentou.

Berzoini ressaltou que o perfil desses aplicativos abrange “tudo que possa ter valor” para atrair o interesse das pessoas do ponto de vista cultural, comercial, em especial nos setores audiovisual, de música e som, assim com de aplicativos e jogos eletrônicos.

“Queremos que esses aplicativos tenham capacidade de disputar o mercado privado, onde efetivamente se estabelece se ele tem ou não valor. Nosso apoio é para que haja condições de infraestrutura para que as pessoas possam criar. Podendo criar, evidentemente podem disputar o mercado.”

Dois projetos serão selecionados em 2015 para receber do ministério R\$ 4 milhões em repasses, cada.

A partir daí, serão estabelecidas as parcerias, que poderão ser tanto com governos locais quanto com entidades da sociedade civil ou instituições de pesquisa.

### **Apresentação de propostas**

Para participar do Usinas Digitais, os interessados devem apresentar as propostas até 4 de setembro por meio do Sistema de Gestão de Convênios e Contratos de Repasse, no endereço eletrônico [www.convenios.gov.br](http://www.convenios.gov.br).

Em nota, o ministério informa que o proponente deverá apresentar uma contrapartida mínima de 10% do valor da proposta, ressalvados os limites estabelecidos por lei para estados, Distrito Federal e municípios.

Os projetos poderão ser apresentados por associações civis, sem fins lucrativos, que sejam legalmente responsáveis por arranjos produtivos locais ou parques tecnológicos; órgãos do Poder Público estadual, distrital, municipal ou consórcio de municípios; assim como por instituições federais ou instituições de ensino superior públicas ou privadas, sem fins lucrativos, que tenham por missão institucional executar atividades ligadas à inovação tecnológica e à pesquisa científica e tecnológica.

Segundo o ministério, projetos com origem nas regiões Norte e Centro-Oeste vão contar com uma pontuação maior em um dos critérios de seleção. Dessa forma, busca-se fomentar a produção de conteúdo digital nessas localidades.

A comissão que avaliará os projetos é composta por dois representantes do Ministério das Comunicações, um do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e

dois de instituições convidadas, seguindo os critérios de seleção definidos pelo edital, que deverá ser publicado amanhã (05/08).

## Terceirização eleva emprego formal no País, diz a LCA Consultores

05/08/2015 – Fonte: Época Negócios



A terceirização é uma maneira de incentivar a criação de postos de trabalho de maneira mais difusa pelo território nacional, além de possibilitar que a inovação tecnológica desenvolvida se espalhe de maneira mais rápida pela economia.

A avaliação é de Cláudia Viegas, diretora da LCA Consultores. "Se o prestador de serviço inova, ele leva inovação para todas as empresas para que presta serviço", disse, durante participação no Fórum Estadão Brasil Competitivo sobre a terceirização do mercado de trabalho.

No evento, realizado na sede do Grupo Estado, nesta terça-feira (04/08), Cláudia dimensionou a importância que este tipo de vínculo já tem no País. Ela citou o setor de call centers que gera mais emprego formal nas regiões Norte e Nordeste, que contratam, sobretudo, jovens com o primeiro emprego e, por consequência, melhoram as condições do mercado de trabalho de maneira mais equânime pelo território nacional, equilibrando a diferença em relação ao Sul e ao Sudeste.

Alexei Macorin, diretor presidente da Associação Brasileira de Companhias de Energia Elétrica (ABCE) também defende que a terceirização é um fator de incentivo à inovação.

Ele ressalta que este tipo de vínculo já é uma realidade no País há anos e, por isso, a discussão deve ser focada na regulamentação do tema e não sobre ser favorável ou contrário.

"No Brasil, há 790 mil empresas prestadoras de serviços, 13 milhões de empregados terceirizados, faturamento de R\$ 536 bilhões, além de cerca de R\$ 17,4 bilhões em contribuição ao FGTS e R\$ 43 bilhões de recolhimento anual ao INSS", exemplificou.

Para ele, a regulamentação trata de dar segurança jurídica e põe fim à discussão sobre as diferenças entre atividades-fim e atividades-meio, que atualmente baliza que tipo de função em determinada empresa pode ou não ser terceirizada.

"Esse debate não traz nenhum tipo de resultado e só gera dúvidas", disse. Segundo Macorin, a regulamentação também reduziria a quantidade de discussões judiciais trabalhistas que se tem no País.

## CEO da BMW coloca tendências digitais no centro de revisão de estratégia

05/08/2015 – Fonte: Época Negócios



O novo presidente-executivo da BMW, Harald Krueger, planeja reformular a estratégia **da** montadora para adaptá-la ao futuro digital da experiência de dirigir, disse nesta terça-feira (04/08).

A BMW se aliou com as duas outras montadoras alemãs para comprar o negócio de mapeamento de alta definição da Nokia por 2,5 bilhões de euros nesta semana, a fim de proteger seu acesso a tecnologias cruciais para carros conectados e carros autônomos.

Krueger, que assumiu o cargo em maio, disse que a estratégia adotada pela companhia em 2007 e que havia sido desenvolvida para guiar a empresa até 2020 precisa ser atualizada. Ele deu as declarações em teleconferência com analistas para discutir os resultados do segundo trimestre da companhia.

"Muitas tendências se intensificaram ou aceleraram de forma dramática. Acima de tudo, a digitalização e as possibilidades técnicas associadas vão mudar o automóvel e seu papel fundamental em nossa sociedade", afirmou.

"Com base nisso, estamos agora realizando uma atualização abrangente de nossa estratégia. Nesta etapa ainda é muito cedo para entrar em mais detalhes."

## Montadoras alemãs compram negócio de mapas da Nokia por cerca de 2,5 bi de euros

05/08/2015 – Fonte: Época Negócios



As montadoras alemãs BMW, Audi e Mercedes irão pagar cerca de 2,5 bilhões de euros para comprar o negócio de mapas da Nokia, superando rivais de alta tecnologia por serviços de localização tidos como essenciais para o futuro dos carros autônomos.

As três montadoras de luxo juntaram forças e irão partilhar parcelas iguais do negócio, conhecido como HERE, ficando juntas para evitar que os ativos caíssem nas mãos dos rivais da Internet do Vale do Silício ou da China.

O acordo tem um valor de empreendimento de 2,8 bilhões de euros, incluindo obrigações de aproximadamente 300 milhões de euros, pelas quais a Nokia irá compensar as



montadoras, disse a companhia finlandesa nesta segunda-feira (03/08). A transação é esperada para ser concluída no primeiro trimestre de 2016.

O acordo permite que as montadoras ofereçam novas funcionalidades premium, como condução autônoma, em seus carros de luxo, movimentando a hierarquia entre montadoras, fornecedoras e rivais de software como o Uber, Google e a Apple.

"Com a aquisição conjunta do HERE, nós queremos assegurar independência desse serviço central para todas as fabricantes de veículos, fornecedores e consumidores de outras indústrias", disse o presidente-executivo da Daimler, dona da marca Mercedes-Benz, Dieter Zetsche.

Mas ainda é incerto como outros clientes do HERE, incluindo montadoras rivais, podem responder à posse da tecnologia de mapas pelas montadoras alemãs, o que muitos nas indústrias automotiva, da Internet e de logística veem como chave para suas próprias estratégias.

### **Combate à corrupção é positivo para crédito, avalia Moody's**

05/08/2015 – Fonte: Época Negócios



O aumento nos esforços globais de combate à corrupção irá reduzir os custos econômicos, sociais e políticos ligados a casos de suborno de governos e empresas estatais, mas podem impor custos diretos e indiretos significativos a certas estatais e a empresas privadas no curto e médio prazos, enquanto essas companhias lidarem com investigações ou trabalharem para fortalecer controles internos, avalia a agência de classificação de risco Moody's.

"Os países e as organizações internacionais estão ampliando os esforços contra a corrupção, especialmente na esteira de escândalos recentes, como o da Petrobras, cujo impacto se espalhou por todo o setor de engenharia e de construção do Brasil", diz Gersan Zurita, vice-presidente sênior da Moody's.

O caso da Petrobras levou o Brasil a finalmente implementar sua lei anticorrupção, o que representa um marco significativo, de acordo com o relatório da agência de classificação de risco.

"Outras investigações sobre corrupção, como a que ocorre na Avon Products, afetou os negócios da empresa apenas moderadamente, mas a investigação prolongada, combinada com outros fatores, pesou em sua qualidade de crédito", avalia Zurita.

Segundo a Moody's, a corrupção tem efeitos variados sobre a qualidade de crédito das empresas, que dependem de outras características creditícias das companhias, da gravidade dos casos de corrupção e do impacto financeiro de multas e penalidades.

Medidas de combate à corrupção são positivas no longo prazo porque ampliam a transparência, atraindo investimentos e melhorando o acesso ao financiamento, pondera a Moody's. Por outro lado, os riscos de crédito relacionados a esses esforços são maiores para estatais e empresas privadas, particularmente no curto a médio prazos.

"Embora as estatais sejam particularmente suscetíveis à corrupção, as empresas privadas estão mais sujeitas a serem alvo de medidas porque é improvável que os governos tomem ações agressivas contra estatais grandes e estrategicamente importantes", diz Christian Plath, vice-presidente da agência.

"Os custos ligados a uma investigação e ao fortalecimento dos processos de cumprimento das normas vão, a princípio, pressionar o perfil de crédito dessas empresas, mas, no longo prazo, elas se beneficiarão ao adotarem controles mais rígidos."

## **Renault anuncia novo presidente para o Brasil**

05/08/2015 – Fonte: Automotive Business



Fabrice Cambolive assume a partir da terça-feira, 4, o cargo de presidente das operações da Renault no Brasil, sucedendo a Olivier Murguet, que desde 1º de abril é o novo vice-presidente sênior e presidente do conselho da região Américas e a quem Cambolive se reportará.

Na empresa há 20 anos, o executivo tem uma trajetória extensa, fazendo carreira em diversas áreas da companhia pelo mundo. Iniciou sua carreira na Renault Áustria, em 1995, e foi promovido a gerente de vendas e marketing para a região Europa (Alemanha, Áustria e Suíça) dois anos mais tarde. Um ano depois, tornou-se gerente de distribuição e planos de ações de marketing para a marca na Espanha.

Já em 1999, Cambolive assumia a diretoria de pós-venda da Renault-Nissan Suíça, tornando-se diretor geral da divisão de distribuição Renault Retail Group, ainda na Suíça.

Em 2005, passou pela Alemanha, como diretor de marketing e, em setembro de 2009, assumiu o cargo de gerente geral da divisão de pós-venda da Renault (Commercial Romania SRL) da Romênia.

Entre 2011 e 2015, ocupou a vice-presidência de vendas e marketing da região Eurásia e Rússia. Cambolive é formado pela Escola Superior de Comércio de Toulouse e pela London Business School.

Por sua vez, Murguet, que esteve à frente da presidência da Renault no Brasil desde 2012, ingressou na Renault em 1990, na divisão de controladoria da empresa em Portugal, ocupando posteriormente diferentes cargos dentro da companhia, principalmente na área comercial na França.

Em 1996, foi nomeado diretor comercial no Brasil e, em 2001, diretor de vendas e rede na matriz, França. Assumiu ainda a direção geral da Renault na Polônia em 2004 e, em 2008, veio a ocupar o cargo de diretor geral no México.

Em 2010, assumiu a direção comercial da região Américas até ser nomeado presidente da empresa no Brasil. Ele é formado pela Escola Superior de Comércio de Paris e pela London Business School.

Por meio de um acordo com a matriz, Murguet continuará baseado no Brasil.

## **Faturamento da indústria cai 5,5% em junho, diz CNI**

05/08/2015 – Fonte: Agência Brasil

O faturamento da indústria em junho caiu 5,5% em relação a maio, de acordo com dados ajustados para o período, divulgados hoje (4) pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Dados ajustados para o período significam desconto referente ao aumento das vendas de produtos em feriados ou datas comemorativas.

No segundo trimestre, comparado ao primeiro, a queda foi 6,7%. O emprego na indústria também apresentou retração, de 0,7%, em junho, e de 2,6%, no segundo trimestre. As horas trabalhadas na produção diminuíram 1,1% em junho e 2,9%, no trimestre.

A indústria operou, em média, com 80,1% da capacidade instalada em junho, resultado praticamente estável em relação a maio (80%).

Após três meses seguidos de queda, a massa salarial real voltou a crescer em junho, com alta de 0,8% em relação a maio. Já no segundo trimestre, houve queda de 3,4% na comparação com o período anterior.

No mês, o rendimento médio real também interrompeu a trajetória de queda, com crescimento de 1,3%. Mas, no trimestre, houve queda de 0,9%.

Segundo o gerente executivo da Unidade de Política Econômica da CNI, Flávio Castelo Branco, esse aumento da massa salarial em junho se deve à incorporação de indenizações pagas a trabalhadores demitidos. "Na medida em que as empresas demitem, têm que arcar com pagamentos relativos a dispensas. Isso termina no aumento da massa salarial. Mas é um aumento temporário", disse.

Para Castelo Branco, os dados divulgados hoje indicam que o "quadro recessivo do setor industrial se intensificou no segundo trimestre". Segundo o economista, a inflação, que reduz o poder de compra da população, e a queda da confiança de empresários e consumidores são fatores que levam à recessão.

Ele acrescentou ainda, entre esses fatores, as medidas de ajuste na economia, como a alta da taxa básica de juros, a Selic – o que encarece os empréstimos –, o aumento de tributos e a redução de desonerações, além do corte de gastos.

O gerente executivo considera, no entanto, que as medidas de ajuste fiscal são necessárias.

Nesse cenário, Castelo Branco ressaltou que é preciso melhorar a competitividade da indústria. "Tem que ter uma agenda voltada para a recuperação da produtividade da economia brasileira".

Segundo ele, as empresas estão tentando reduzir custos para melhorar a produtividade. O economista acrescentou que também é preciso recuperar a confiança dos empresários, com medidas do governo para reduzir a burocracia e evitar incertezas na economia.

## **IBGE: produção industrial fecha primeiro semestre com queda de 6,3%**

05/08/2015 – Fonte: Agência Brasil

A produção industrial brasileira fechou o primeiro semestre do ano com queda acumulada de 6,3%, informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em junho deste ano, a taxa anualizada (indicador acumulado nos últimos 12 meses) registrou recuo de 5%.

Segundo o IBGE, considerando apenas a variação mensal, a produção industrial nacional – em junho – mostrou redução de 0,3% em comparação ao mês imediatamente anterior, após acréscimo de 0,6% em maio deste ano. Esse dado inclui o ajuste sazonal, que é o desconto referente ao aumento das vendas de produtos em feriados ou datas comemorativas.

Os dados sem o ajuste sazonal mostram que, no confronto com igual mês do ano anterior, a produção da indústria apontou queda de 3,2% em junho de 2015, 16ª taxa negativa consecutiva.

Apesar de significativa, essa queda é menos acentuada do que a observadas em abril, quando houve declínio de 7,9% na produção industrial. Em maio, a queda da produção industrial correspondeu a 8,9%.

A queda de 6,3% na indústria brasileira no primeiro semestre do ano é o pior resultado para o período desde junho de 2009.

Na avaliação do gerente de coordenação de Indústria do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, André Macedo, entre maio e junho, mesmo com a expansão de 0,6% – o que interrompe uma sequência de três meses consecutivos de queda – o setor fecha o primeiro semestre de 2015 com um saldo “claramente negativo”.

O gerente disse que a exceção neste cenário de quedas generalizadas se dá no setor de indústria extrativa que, no fechamento do semestre, mostra um comportamento distinto do total da indústria de transformação.

“Neste setor, há um crescimento calcado na extração de minério de ferro e também com comportamento positivo vindo da área de petróleo, o que justifica o fechamento positivo no setor neste primeiro semestre”.

## **Brasil está em recessão desde o 2.º trimestre de 2014, diz comitê**

05/08/2015 – Fonte: Gazeta do Povo



O Brasil está em recessão desde o segundo trimestre de 2014. A constatação é do Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (Codace), um colegiado de sete economistas que se reúne periodicamente para avaliar os períodos de expansão e contração da economia brasileira.

Em comunicado divulgado nesta terça-feira (4), o comitê informou que, do segundo trimestre de 2014 até o primeiro de 2015, “observou-se uma taxa média de contração de 1,1% em termos anualizados, algo similar ao observado nas recessões de 1998-1999 e de 2001, taxa esta significativamente menor que a observada na curta e intensa recessão de 2008-2009 (-11,2% ao ano)”.

Com pelo menos quatro trimestres, a crise atual já é a mais longa desde a de 1998-1999. Reportagem publicada no último domingo (2) pela **Gazeta do Povo** apontou, com base em entrevistas com economistas e projeções de mercado, que ela caminha para se tornar, também, a recessão mais longa desde a era Collor. Entre 1989 e 1992, a economia brasileira se contraiu por 11 trimestres, conforme a metodologia do Codace.

Os bancos e consultorias que participam da pesquisa Focus, do Banco Central, projetam que, na comparação com períodos equivalentes dos anos anteriores, o Produto Interno Bruto (PIB) continuará em queda por mais quatro trimestres, totalizando oito trimestres de contração, voltando a crescer apenas em meados de 2016.

### **Expansão**

Reunido em 30 de julho, o comitê identificou que o último pico do ciclo de negócios brasileiro ocorreu no primeiro trimestre de 2014, encerrando um período de expansão que vinha desde 2009 e durou 20 trimestres.

Conforme o Codace, essa foi uma das mais longas eras de progresso da economia brasileira desde o início dos anos 1980, perdendo apenas para um ciclo de 21 trimestres durante o governo Lula, entre 2003 e 2008.

Conforme o Codace, o crescimento médio trimestral do último ciclo de expansão, de 4,2%, foi um pouco inferior ao observado nos dois períodos anteriores de crescimento, em 2002 (5,3%) e entre 2003 e 2008 (5,1%).

### **Participantes**

Fazem parte do Codace os economistas Affonso Celso Pastore (da AC Pastore & Associados); Edmar Bacha (Iepe-Casa das Garças); João Victor Issler (FGV/EPGE); Marcelle Chauvet (Universidade da Califórnia); Marco Bonomo (Insper); Paulo Picchetti (FGV/EESP e Ibre) e Regis Bonelli (FGV/Ibre).

## **Setor automotivo derruba produção industrial no 1º semestre**

05/08/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

Com estoques altos, consumo em queda e baixa confiança dos empresários, a produção industrial do país recuou 6,3% no primeiro semestre deste ano, informou o IBGE nesta terça-feira (3).

A principal influência negativa veio da indústria de veículos automotores, reboques e carrocerias, que teve queda de 20,7% no primeiro semestre comparado com o mesmo período do ano anterior.

Ela faz parte do setor que produz bens duráveis (que também inclui eletrodomésticos), que teve uma queda total de 14,6% no primeiro semestre.

A área sofre porque é sensível à taxa de juros e ao crédito, mas não está sozinha: todas as quatro grandes categorias econômicas pesquisadas pelo IBGE tiveram queda na produção.

Dos ramos acompanhados, 24 dos 26 tiveram perdas, assim como 70,1% dos 805 produtos pesquisados, o que contribuiu para que esses fossem os piores seis primeiros meses do ano desde 2009 (-13%), quando o setor ainda sentia os efeitos da crise hipotecária de alto risco iniciada nos Estados Unidos.

A categoria de bens de capital – que produz máquinas para indústrias, agricultura- teve queda de 20% no primeiro semestre deste ano.

Também tiveram forte impacto na queda da indústria os segmentos de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-27,8%), derivados de petróleo (-6,3%) e máquinas e equipamentos (-11,3%).

### ***Tendência de queda***

Em junho, a produção industrial recuou 0,3% na comparação com o mês anterior. Com o resultado, fica confirmada a tendência de retração após uma surpreendente alta de 0,6% em maio, frente a abril, puxada por fabricação de equipamentos de transporte e derivados de petróleo.

“Mesmo no mês em que houve alta de 0,6% havia a leitura de que a tendência era negativa. Até porque não era suficiente para eliminar perdas anteriores. A entrada de mais um resultado negativo mantém a leitura que já observávamos”, disse André Macedo, Quando comparado ao mesmo mês do ano passado, a queda da indústria em junho foi de 3,2%.

Foi a 16º queda consecutiva da produção industrial brasileira na comparação ao mesmo mês do ano anterior.

Apesar disso, o resultado veio um pouco melhor que o esperado. Os economistas consultados pela agência Bloomberg esperavam, em média, recuo de 0,7% em junho sobre o mês anterior. E tivesse queda de 5% frente ao mesmo mês de 2014.

No acumulado dos últimos 12 meses até junho, a produção teve queda de 5%, desacelerando em relação ao acumulado em maio (-5,3%) e interrompendo a trajetória iniciada em março de 2014.

## **Editorial: Prostração industrial**

05/08/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

Entre todos os setores abatidos pela crise que assola o país –e é difícil imaginar que algum poderia passar incólume por 2015–, nenhum parece sofrer efeitos tão drásticos quanto a indústria, atingida em cheio pelos erros de política econômica acumulados ao longo dos últimos anos.

Com o recuo de 0,3% em junho (em relação a maio), a indústria terminou o segundo trimestre com produção 2,1% menor que nos três meses anteriores. No semestre, a retração chega a 6,3%.

Os estoques fabris, todavia, ainda estão em níveis elevados, segundo a FGV –sinal de que a redução da produção não tem bastado para compensar a queda das vendas. É difícil ser otimista nesse cenário, e a maior parte dos empresários espera mais do mesmo no segundo semestre.

As dificuldades vêm de longe. Na década encerrada em 2014, o setor amargou continuada perda de competitividade devido a uma combinação de custos internos em elevação, sobretudo salariais, com tendência de valorização do real.

Diante desse quadro adverso, foram de pouca valia, quando não equivocados, os estímulos dos governos petistas. Isolamento das cadeias mundiais de produção, fechamento do mercado interno e regras restritivas de conteúdo nacional, entre outros itens, completaram o conjunto de descabros.

Não por acaso, o país passou de uma posição de equilíbrio no comércio exterior de manufaturados, até meados da década passada, para deficit cada vez maiores, que atingiram US\$ 110 bilhões em 2014.

Na prática, ao longo desses dez anos, o país perdeu centenas de bilhões de dólares de demanda por seus produtos manufaturados, seja por falta de acesso a mercados externos, seja por ocupação de espaço local por importações.

Há, porém, mudanças de fundo no quadro econômico que apontam para uma nova orientação estrutural para a indústria.

A valorização cambial está sendo corrigida, e a recessão contribui para moderação das demandas salariais. Algumas empresas começam a optar por componentes locais e até pensam novamente em exportar.

É um movimento lento, e não será suficiente ter condições de salário e câmbio no lugar certo.

É preciso complementá-las com uma estratégia de integração com centros produtivos dinâmicos, custos decrescentes de impostos e logística e mais inovação. O quadro global de pequeno crescimento de comércio tampouco é favorável.

Mesmo assim, pode-se argumentar que o país começa a corrigir os desequilíbrios mais gritantes e que um novo espaço estrutural para a indústria pode se abrir nos próximos anos.

É preciso agarrar essa nova chance com uma estratégia coerente e de longo prazo.

## **Editorial: Carvão na encruzilhada**

05/08/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

A versão final do Plano de Energia Limpa apresentada pelo presidente dos EUA, Barack Obama, bateu mais um prego no caixão que um dia sepultará a indústria do carvão mineral. Seja por razões ambientais, seja por motivos econômicos, o setor tem pouco futuro no cenário energético mundial.

A versão anterior do programa, de pouco mais de um ano atrás, recebeu mais de 4 milhões de comentários na fase de consulta pública. O setor elétrico terá agora de cortar 32% de suas emissões de gases do efeito estufa, como o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), até 2030, tomando por base os níveis de 2005.

A meta sofreu acréscimo de 9%. Por outro lado, Obama fixou dois anos a mais de prazo para cada Estado pôr em prática o planejamento com vistas a alcançar tal objetivo. Além disso, o governo elevou de 22% para 28% a participação esperada de fontes renováveis de energia na matriz elétrica em 2030.

Em 2014, os Estados Unidos geraram 39% de sua eletricidade queimando carvão em usinas termelétricas. Cumprido o plano, em 15 anos essa fatia terá caído para 27%. Mas as mineradoras já competem ferozmente por compradores, com o preço do produto no nível mais baixo em uma década e meia.

O algos do ramo carbonífero, contudo, não é Obama, como propagam republicanos e democratas dos Estados onde o setor tem maior peso na economia; é o gás natural, sobretudo o de xisto. Para obter do carvão mineral uma mesma unidade de energia (BTU), paga-se lá US\$ 1,80, contra US\$ 0,80 pelo gás de xisto.

O gás natural não representa solução definitiva para o problema do aquecimento global e da mudança do clima, está claro. Ele mesmo um combustível fóssil, também produz CO2 quando queimado –mas polui menos por unidade de energia.

É encarado, por isso, como uma forma de transitar para a descarbonização do setor energético, nos EUA e no restante do mundo. Não no Brasil, cuja matriz elétrica ainda conta com mais de dois terços de uma fonte renovável –a hidrológica– na sua matriz elétrica.

Até a China, país onde mais cresceu o consumo de carvão para gerar eletricidade, já planeja seu desembarque dessa fonte. Entre outras razões, porque a poluição do ar causa centenas de milhares de mortes precoces nos centros urbanos.

China e EUA, os maiores poluidores do planeta, entraram na rota da descarbonização, ainda que lentamente. A primeira vítima será o carvão, mas também chegará o dia do petróleo e do gás natural.

## **Estudo imagina polo de indústria automotiva na Bolívia e no Paraguai**

05/08/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

Entre 1932 e 1935, Bolívia e Paraguai travaram a Guerra do Chaco pelo controle de um território que se imaginava rico em petróleo, nunca encontrado. Oito décadas depois, os dois países teriam potencial para instalar uma cadeia produtiva de veículos elétricos, contribuindo para reduzir a dependência da matéria-prima da gasolina.

A proposta de unir o lítio boliviano ao excedente elétrico paraguaio é de seis pesquisadores da USP, em artigo publicado recentemente na revista acadêmica americana "Renewable & Sustainable Energy Reviews". Entre os autores, está o ex-diretor da Petrobras Ildo Sauer.

O estudo argumenta que há vantagens comparativas em fabricar baterias de lítio na Bolívia, cujos custos de produção do mineral seriam até 70% mais baixos do que os atuais. Uma das vantagens é a escala: a maior jazida do mundo poderia equipar 3,4 bilhões de carros elétricos.

### **Reservas de Lítio**

Do lado paraguaio, o fato de ser o maior produtor per capita de energia hidrelétrica do mundo comportaria a instalação de uma indústria automobilística, além de favorecer a troca de motores movidos a combustíveis fósseis por elétricos. A produção seria, inicialmente, para os dois países.

"As possibilidades são potenciais. A concretização depende da criação de mecanismos empresariais, privados ou estatais", disse Sauer à Folha, em seu escritório no Instituto de Energia e Ambiente (IEE-USP). Ele chamou o artigo de "exploratório".

Questionado sobre a estratégia boliviana de perseguir uma tecnologia própria, Sauer disse que um melhor caminho é a associação com empresas estrangeiras.

Ele descartou a ideia de que a Bolívia possa se transformar na "Arábia Saudita do lítio". "O componente boliviano não é imprescindível na mobilidade elétrica mundial", afirmou.



## DESCOBERTA

O lítio foi descoberto com a colaboração de José Bonifácio Andrada e Silva (1763-1838), o Patriarca da Independência.

Antes de ingressar na política, o santista se especializou em mineralogia na Universidade de Coimbra, em Portugal. Em 1800, durante expedição à ilha sueca de Utö, descreveu pela primeira vez a petalita e o espodumênio, minerais que contêm o lítio.

## Principais usos do lítio

Em 1817, um químico sueco identificou o lítio a partir dessa petalita descrita pelo brasileiro. O nome foi escolhido a partir da palavra grega "lithos" (pedra).

Logo após sua descrição, o lítio passou a ter uso medicinal para várias enfermidades — atualmente, é usado para tratamento de transtorno bipolar. A aplicação mais comum tem sido na indústria de cerâmica e vidro.

Esses usos, porém, não se comparam à importância adquirida com a chegada o mercado das baterias de lítio-íon, no início dos anos 1990. Por ser altamente reativo, tem mais capacidade para armazenar energia do que outros tipos de bateria atualmente disponíveis.

Depois de viabilizar os smartphones e tablets, as baterias de lítio-íon tornaram os carros elétricos mais competitivos ao aumentar a sua autonomia.

Além da Tesla, pioneira no uso desse tipo de bateria, a Chevrolet, a Nissan e BMW já comercializam automóveis usando a nova tecnologia. Um dos grandes desafios agora é diminuir os custos de produção.



**2-3 gramas de lítio**  
são necessárias para a bateria de um smartphone



**40 kg de lítio**  
bateria do carro esportivo Tesla Roadster

## Governo enquadra projeto da Vale para emissão de debêntures de infraestrutura

05/08/2015 – Fonte: Reuters

O Ministério dos Transportes aprovou o enquadramento como prioritário de projeto de investimento da Vale na expansão da Estrada de Ferro Carajás para emissão de debêntures de infraestrutura.

O aval foi publicado em portaria no Diário Oficial da União desta quarta-feira. As debêntures de infraestrutura, também conhecidas como debêntures incentivadas, possuem incentivos fiscais e são usadas como fonte de financiamento de projetos.

A Vale desenvolve projeto que prevê a duplicação até 2017 da Estrada de Ferro Carajás, que liga a maior mina de minério de ferro a céu aberto do mundo, em Carajás, no sudeste do Pará, ao Porto de Ponta da Madeira, em São Luís (MA).

## **Estoque de crédito para consórcio cresce 7,4% no 1º semestre**

05/08/2015 – Fonte: Automotive Business

O volume de novas cotas de consórcio para a aquisição de veículos encerrou o primeiro semestre estável, com as mesmas 1,04 milhão de unidades registradas em mesmo período de 2014, mas o volume de estoque do crédito subiu 7,4%, para R\$ 29,7 bilhões, devido ao aumento do valor do tíquete – valor médio da cota no mês - em todos os segmentos, aponta a Abac, Associação Brasileira das Administradoras de Consórcio, em balanço divulgado na terça-feira, 4.

O maior aumento do tíquete médio da carta de crédito veio do segmento de duas rodas, cuja elevação do valor foi de 8,1% em junho se comparado com mesmo mês de 2014, de R\$ 9,9 mil para R\$ 10,7 mil.

O encarecimento pode ter sido um dos fatores que provocou a menor procura pelo consórcio de motos: houve queda de 8,2% no volume de estoque do crédito, que somou R\$ 6,03 bilhões nos seis primeiros meses do ano, refletindo o menor número de cotas vendidas no acumulado, cuja retração foi de 9,7%, para 543 mil unidades.

O tíquete médio da cota para a compra de veículos leves, que inclui automóveis, utilitários e comerciais leves, também aumentou, mas em menor proporção, de 3,8%, considerando o fechamento de junho, com R\$ 40,9 mil.

Em um movimento contrário ao segmento de motocicletas, o número de novas cotas subiu 11,3%, passando de 421 mil para 468,5 mil, refletindo o resultado do Festival do Consorciado Contemplado, considerado positivo por suas idealizadoras: Anfavea, Fenabreve e a própria Abac .

Houve ainda crescimento de 12,8% no volume do crédito dedicado ao segmento durante o acumulado entre janeiro e junho, para R\$ 19,9 bilhões.

Desses, para atender as contemplações, que cresceram 17,6%, para 257 mil, o sistema de consórcio liberou R\$ 10,4 bilhões, alta de 18% no comparativo anual.

“Os bons resultados [do Festival do Consorciado] devem-se ao engajamento das marcas participantes na oferta de condições vantajosas aos consorciados contemplados, verdadeiros clientes ‘classe especial’.

Portanto, nossas expectativas por ocasião do lançamento se confirmaram ao longo desses dois meses iniciais de festival”, declarou em nota o presidente da Abac, Paulo Rossi.

Já no segmento de pesados – caminhões, ônibus, semirreboques, tratores e implementos rodoviários – o crescimento das vendas de novas cotas, de 7,3%, para 23,6 mil unidades, não foi suficiente para aumentar o volume de crédito disponível para os segmentos: uma vez que o número de contemplações caiu 7,6%, para 15,8 mil, caiu também a necessidade de crédito, cujo volume diminuiu 6,3%, passando de R\$ 2,35 bilhões no primeiro semestre do ano passado para R\$ 2,21 bilhões neste primeiro semestre.

No fechamento de junho deste ano, o valor médio do tíquete aumentou 5,7%, para R\$ 166,4 mil; em junho de 2014 este valor era de R\$ 157,7 mil.

## **Mineradora responsável por vazamento na APA de Guapimirim é interditada no Rio**

05/08/2015 – Fonte: Agência Brasil

A Secretaria de Meio Ambiente do Município de Magé determinou a interdição do local onde ocorreu vazamento da Mineradora Jacundá, no Rio Roncador, na Área de Proteção Ambiental de Guapimirim, na região metropolitana do Rio de Janeiro.

De acordo com a secretaria, as providências foram tomadas assim que constatada a irregularidade, na sexta-feira (31), quando foi verificada a “presença de coloração marrom leitosa”.

Segundo o Instituto Estadual do Ambiente (Inea), o Rio Roncador foi atingido pelo vazamento do dique de contenção de uma empresa de extração mineral na localidade de Jororó.

“Uma grande quantidade de areia e argila atingiu o rio numa extensão de 15 quilômetros, até a foz, na Baía de Guanabara, provocando alteração na coloração das águas, que ficaram cinzento-esbranquiçadas”, informou o instituto por meio de nota.

A atividade da mineradora foi suspensa por tempo indeterminado e os responsáveis, notificados para realizar obras imediatas no dique, que se rompeu na quinta-feira (30).

Técnicos do Inea explicaram que a inspeção constatou que a empresa arrendava áreas para outras mineradoras não licenciadas. Todas serão autuadas e multadas por causa do dano ambiental na região, que é caracterizada pelos manguezais bem preservados.

O Inea esclareceu que o resultado das análises físico-químicas na água do rio sairá em dez dias. A mineradora Jacundá não foi localizada para comentar o problema.

## **Senadores cobram de Joaquim Levy pauta propositiva para a economia**

05/08/2015 – Fonte: Agência Brasil

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, participou hoje (4) de almoço com senadores na residência oficial do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL). Durante a reunião, Levy e os senadores conversaram sobre pautas relacionadas à economia.

No encontro, os parlamentares demonstraram preocupação com os reflexos, no nível de emprego do país, do ajuste fiscal implementado pela equipe econômica do governo. Também conversaram sobre a criação de uma pauta propositiva para a economia reagir. Segundo Renan, a oportunidade foi aproveitada para “cobrar do ministro uma agenda de interesse do país, com começo, meio e fim”.

“É preciso ir além do ajuste fiscal, com uma agenda que mobilize o interesse nacional, em cima de eixos que podem ser pré-definidos: infraestrutura, melhoria do ambiente de negócios e equilíbrio fiscal. Em torno desses três eixos poderemos fazer uma pauta e conversar com a sociedade”, afirmou Renan Calheiros. O ministro ficou de apresentar, até a próxima semana, uma agenda com as propostas reivindicadas pelos senadores.

Segundo o senador Romero Jucá (PMDB-RR), o Senado também se posicionou em relação ao projeto sobre desoneração da folha de pagamento de vários setores da economia, de modo que o texto assegure o maior número de emprego possível.

"O projeto ainda será fortemente discutido entre os senadores. A equipe econômica tem pressa, mas o assunto é delicado, uma vez que pode resultar em demissão em vários setores", alertou Jucá após a reunião.

Presidente da Comissão Especial do Pacto Federativo, o senador Walter Pinheiro (PT-BA) conversou com o ministro sobre proposições relacionadas à reforma do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS).

A reforma é dividida em várias partes e prevê a validação de incentivos fiscais já concedidos pelos estados – matéria aprovada no Senado e dependendo de confirmação da Câmara –, além de resolução para unificar o ICMS em todo o país, criação de fundos de compensação para os estados com perdas de arrecadação após a unificação do imposto – proposta contemplada por medida provisória enviada pelo governo ao Congresso – e um projeto de lei para repatriação de recursos de brasileiros no exterior, cuja arrecadação deverá ser destinada a fomentar os fundos.

Pinheiro defendeu que, junto com a aprovação da MP que cria os fundos de compensação, o Congresso aprove também uma emenda constitucional para dar garantias jurídicas à reforma. Segundo ele, o Senado só aprovará a unificação do ICMS, que poderá acabar com a guerra fiscal entre os estados, se a criação dos fundos de compensação estiver constitucionalmente garantida.

"Não há concordância de nossa parte se não houver garantia da constitucionalidade dos fundos. Só votamos a resolução - e isso está escrito no texto da resolução - se houver um dispositivo que constitucionaliza a proposta de reforma com a criação dos fundos, constitucionalizados", acrescentou Walter Pinheiro.

### **Toyota não está otimista com a lucratividade na China**

05/08/2015 – Fonte: Exame

A Toyota Motor disse que "não pode ser otimista" sobre sua lucratividade na China, o maior mercado automotivo do mundo, onde o crescimento lento está forçando os fabricantes japoneses a cortar preços e oferecer incentivos para compras para acompanhar os rivais.

A empresa, que nesta terça-feira divulgou lucro líquido recorde para o primeiro trimestre pelo terceiro ano consecutivos, aproveitou o aumento nas vendas na China mas as guerras de preços estavam enfraquecendo os lucros, disseram executivos da companhia no relatório de resultados.

As vendas de automóveis na China caíram a cada mês no trimestre, conforme o crescimento econômico rasteja no ritmo mais lento em 25 anos, drenando o sentimento do consumidor, e analistas esperam que a quebra no mercado de ações no meio de junho arraste ainda mais as vendas.

"Entre abril e junho, as vendas de veículos progrediram firmemente mas no que diz respeito à lucratividade, nós não podemos ser otimistas," disse o diretor administrativo Tetsuya Otake.

O lucro líquido da Toyota subiu 10 por cento entre abril e junho, para 646,4 bilhões de ienes (5,21 bilhões de dólares), acima da estimativa média de 607,5 bilhões de ienes de 11 analistas consultados pela Thomson Reuters.

## **GM investirá US\$877 mi para modernizar fábrica nos EUA**

05/08/2015 – Fonte: Exame



A General Motors disse nesta terça-feira que investirá 877 milhões de dólares para modernizar sua fábrica de pickups em Flint, Michigan, nos Estados Unidos, coroando uma série de investimentos para manter a produção de pickups rentáveis de maior porte e SUVs em andamento ao longo de uma significativa mudança de modelos esperada para 2018.

O investimento em Flint é parte de um plano para expandir três fábricas norte-americanas de pickups para instalar novas linhas de montagem, instalações de soldagem e operações de pintura para futuras gerações das pickups Silverado e SUVs como o Chevrolet Tahoe e o Cadillac Escalade, enquanto ainda são mantidas ativas as operações de produção dos modelos atuais.

No passado, a GM e suas rivais domésticas interrompiam a produção por semanas para preparar-se para novos modelos, estocando veículos em antecipação e depois oferecendo descontos com a aparição de novos carros.

Fontes familiarizadas com os planos da companhia disseram que as pickups de próxima geração da GM e SUVs usarão diversos materiais, incluindo alumínio e aço leve, para perder em peso e ganhar eficiência com combustível, atendendo padrões mais rigorosos do governo.

## **BMW diz que China pode colocar suas perspectivas em risco**

05/08/2015 – Fonte: Exame



A BMW, maior montadora de carros de luxo do mundo, alertou nesta terça-feira que sua perspectiva para 2015 pode correr riscos com qualquer deterioração maior da China, onde suas vendas começaram a cair pela primeira vez em uma década.

A empresa alemã, que já tinha dito em maio que o crescimento na China seria menos dinâmico, afirmou que ainda espera recordes de vendas mundiais e lucro antes de impostos no ano, mas com a ressalva de que desafios na China podem afetar suas metas.

A montadora teve queda de 3 por cento no lucro operacional no segundo trimestre, vendendo uma proporção maior de carros com margens menores e investindo em novos modelos.

As vendas na China, maior mercado automotivo do mundo, caíram em maio e junho, após uma década de alta. A BMW disse que está enfrentando concorrência dura naquele e em outros mercados.

O lucro antes de juros e impostos (Ebit) somou 2,52 bilhões de euros, em linha com a projeção média em pesquisa da Reuters.

Apesar das vendas globais de carros BMW, Mini e Rolls-Royce terem crescido 7,5 por cento no trimestre, os lucros foram prejudicados pelo desempenho mais fraco na China.

### **Indicador da FGV de desemprego avança 1,2% em julho**

05/08/2015 – Fonte: Exame



O Indicador Coincidente de Desemprego (ICD) avançou 1,2% em julho ante junho, para 90,8 pontos na série com ajuste sazonal, informou a Fundação Getulio Vargas (FGV), nesta quarta-feira, 5. Trata-se do maior resultado desde novembro de 2007 (93,9 pontos).

O ICD sobe há sete meses seguidos e, em junho, cresceu 1,6%. A alta significa que a percepção dos consumidores sobre o mercado de trabalho piorou e já é mais desfavorável até do que no auge da crise internacional. "O resultado sinaliza continuidade da tendência de aumento da taxa de desemprego no mês. Em 2015, o ICD acumula alta de 23,3% até julho", destacou o economista Rodrigo Leandro de Moura, pesquisador da FGV, em nota.

A deterioração das avaliações sobre o mercado de trabalho se deu principalmente entre as famílias de baixa e média renda. Segundo a FGV, o indicador que mede a percepção de dificuldade de se obter emprego em julho teve o avanço mais intenso na faixa dos consumidores com renda familiar entre R\$ 2,1 mil e R\$ 4,8 mil, com alta de 3,4% em julho ante junho.

O ICD é construído a partir dos dados desagregados, em quatro classes de renda familiar, da pergunta da Sondagem do Consumidor que procura captar a percepção sobre a situação presente do mercado de trabalho.

### **Incentivos do InovarAuto são permitidos na OMC, diz Anfavea**

05/08/2015 – Fonte: Exame

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, disse que os incentivos concedidos pelo governo brasileiro à indústria automotiva dentro do programa InovarAuto estão dentro das regras da Organização Mundial do Comércio (OMC).

"Um programa que trata de eficiência energética e ampliação de incentivos para engenharia é absolutamente previsto dentro das regras da OMC", afirmou.

Japão e União Europeia abriram disputas no âmbito da OMC alegando que os incentivos dados pelo governo brasileiro ao setor são irregulares e afetam a concorrência.

Moan falou rapidamente com jornalistas ao deixar o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic) onde, segundo ele, teve reunião para tratar do detalhamento de medidas do Plano Nacional de Exportação (PNE).

### **Mais da metade dos consumidores acredita que economia vai piorar**

05/08/2015 – Fonte: Época Negócios

O pessimismo aumentou entre os brasileiros rapidamente e mais da metade (56%) acredita que a situação da economia neste ano será pior do que foi em 2014. Em março, a fatia de consumidores que apostavam numa deterioração da conjuntura era bem menor e estava em 47%, segundo pesquisa nacional do SPC Brasil e da Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas (CNDL).

"Em apenas quatro meses houve uma forte deterioração das expectativas do consumidor, o aumento foi de quase dez pontos porcentuais no pessimismo", afirma Marcela Kawauti, economista-chefe do SPC Brasil e da CNDL. A pesquisa consultou cerca de 600 consumidores nas 27 capitais brasileiras na 1ª quinzena de julho.

A piora da percepção do brasileiro em relação à economia foi resultado de um cenário ruim para o emprego, a renda e o endividamento. Entre aqueles que acreditam no agravamento do cenário econômico, 61,3% consideram que a sua situação financeira hoje é pior do que no segundo semestre do ano passado.

E o endividamento encabeça a lista de razões para péssimo desempenho financeiro (30,7%), seguido pela queda na renda corroída pela inflação (15,4%) e pelo aumento do desemprego (15,2%).

Marcela diz que o reflexo desse pessimismo aparece no consumo das famílias que neste ano deve registrar a primeira queda desde 2003. O comportamento mais cauteloso nas compras fica nítido nas respostas do que os consumidores pretendem fazer para economizar nos próximos meses.

Segundo a pesquisa, quase a metade (47,7%) vai deixar de consumir itens tidos como supérfluos. Nas classes mais abastadas, A e B, essa decisão foi apontada por 58,3% dos entrevistados.

Outra saída para atenuar o impacto da crise é reduzir as compras parceladas, apontada em média por 44,7% dos entrevistados, e com destaque para as classes de menor renda, C e D, com 48,3% das respostas.

Substituir a compra de itens de marcas caras por outras mais baratas também aparece como uma alternativa para administrar a crise, apontada por 29,7% dos entrevistados. Essa prática ganha mais relevância especialmente entre as classes A e B, com 36,5% das respostas.

A cautela dos consumidores na hora de ir às compras aparece também quando se avalia os itens que lideram a intenção de consumo neste semestre. Segundo a pesquisa, sete em cada dez entrevistados planejam comprar algum artigo de vestuário nos próximos meses.

Já a fatia de interessados em levar para casa um eletrodoméstico, um eletrônico ou um móvel, geralmente produtos de maior valor, é de 38%, aponta a pesquisa. "Trata-se de um círculo vicioso: os consumidores compram menos e isso gera queda nas vendas e amplia o desemprego na economia", diz Marcela.

### **Dia dos Pais**

O reflexo do maior pessimismo deve aparecer no Dia dos Pais. Pesquisa do SPC Brasil aponta que 44% dos filhos planejam gastar menos com a data neste ano em relação ao desembolso em 2014 e mais da metade (53,3%) pretende pagar à vista. O valor médio do presente será de R\$ 119,83.

## **Artigo: As crises gêmeas**

05/08/2015 – Fonte: O Globo

Os economistas têm uma lista enorme de projeções ruins e estão certos. Alguns estavam certos antes, quando avisavam. Eles apontam para a política como a fonte da incerteza econômica. Os políticos acham que a economia, com sua coleção de más notícias, é a fonte da incerteza política, por ter derrubado o apoio à presidente Dilma. Os dois lados têm razão. As crises gêmeas se fortalecem.

A retomada dos trabalhos no Congresso depois de uma breve pausa trouxe de volta o risco de surpresas que afetam os cofres públicos. Como o Brasil está com déficit primário e precisa urgentemente reordenar suas contas, a escalada de aumento de despesas alimenta a dúvida sobre a sustentabilidade fiscal do país.

O Congresso está para votar a mudança na remuneração do capital investido no FGTS. A correção baixa do Fundo de Garantia é uma velha distorção do Brasil. Mas o governo está tentando convencer os líderes aliados de que neste momento isso só vai criar mais um desequilíbrio.

O Congresso vai analisar o veto da presidente Dilma ao projeto que estende a todos os aposentados a correção real do salário mínimo; decidir se aprova ou não a redução da desoneração da folha salarial; analisar o veto ao reajuste dos servidores do Judiciário.

Vai instalar CPIs com o poder de criar problemas para o governo, principalmente depois que o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, deixou o PT de fora do comando da CPI do BNDES e da CPI dos Fundos de Pensão.

No Congresso, os políticos acham que a economia só tem dado desgosto aos eleitores. A inflação é alta demais, e a recessão está se aprofundando com aumento do desemprego. Só isso já seria o suficiente para que até os políticos da base se afastassem do governo.

Ontem foi divulgada a produção industrial de junho, fechando o primeiro semestre. Foi um tombo de mais de 6%, que só perde para o primeiro semestre de 2009, no auge da crise financeira global.

Quem olha para o mundo não entende o Brasil. A inflação anual dos países da OCDE é de 0,6%, mas, se excluirmos a energia, a taxa sobe um pouco porque os preços da energia estão em queda. Essa situação é oposta à nossa.

A deflação da energia foi de 9,3% nos países da OCDE, e a queda chegou nos Estados Unidos a 15% em 12 meses terminados em junho. Estamos em uma direção, e o mundo em outra.



O mundo não é culpado pelos nossos problemas e são poucos os países onde os índices de preços estão em alta. O Brasil, com o seu índice em 8,9%, só perde para a Rússia. Nos países do G-20, a inflação anual está em 2,6%. A Rússia está com 15,3%, a maior do grupo. A Índia está com uma taxa de 6,1%, mas já foi mais alta. A China está com 1,4%.

O desconforto econômico aumenta a instabilidade política, que eleva a incerteza econômica. Nesta zona de turbulência entre as crises gêmeas, as duas estão se alimentando.

As respostas que o governo tem dado à crise econômica são claramente insuficientes, mas a reação do Congresso tem reduzido o efeito das poucas medidas que poderiam ajudar a debelar a crise.

Neste segundo semestre, haverá várias fontes de tensão para as duas áreas. Na política, as votações de temas sensíveis podem piorar a crise.

Na economia, há uma safra de números ruins. Se o país perder o grau de investimento, a recuperação ficará mais lenta e mais difícil.

A Operação Lava-Jato espalha seus efeitos na política e na economia, mas nunca é demais dizer que ela é parte do tratamento do paciente e não a doença. Enquanto ela está fazendo seu trabalho, no entanto, a base política fica mais instável e aumenta a incerteza da economia.

Mas a crise atual não resulta da Lava-Jato. Ela tem raiz nos erros de política econômica, nos sucessivos equívocos gerenciais e na inabilidade da presidente de administrar sua base parlamentar.

No detalhe da inflação mundial fica claro como esta crise é feita em casa. O que mais puxa para baixo a inflação dos outros países é o que mais pesa no índice brasileiro: os preços da energia.

O tarifaço é muito menos pela falta de chuva e muito mais pelos erros cometidos pela presidente Dilma na mudança que impôs ao setor. Ela quis usar a economia para se alavancar na política e acabou no meio das crises gêmeas.

## **Caixa disponibiliza linha de crédito imobiliário para empresas**

05/08/2015 – Fonte: O Globo



Em ano de juros mais altos e com recuo nas concessões de crédito imobiliário, a Caixa Econômica lança uma nova linha de crédito para atender pessoas jurídicas com recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). O crédito será para atender construtoras e incorporadoras que produzem empreendimentos com unidades residenciais de até R\$ 300 mil. Poderá ser financiado até 80% do valor da obra, limitado a 50% do valor total de vendas, com taxas de juros a partir de 8,5% a.a.

O montante disponibilizado será no valor total de R\$ 1 bilhão, direcionado a empresas da construção civil que possuam empreendimentos destinados a atender clientes de média renda.

Segundo a Caixa, a empresa interessada deverá apresentar o projeto de engenharia, além de documentação para análise de risco. Também deve comprovada a comercialização de, no mínimo, 30% das unidades do empreendimento, até a data da contratação.

### **PESSOA FÍSICA**

A Caixa informou hoje que disponibilizou R\$ 4 bilhões para a linha de financiamento imobiliário pró-cotista, que destina recursos financeiros para a concessão de financiamentos de imóveis residenciais situados em áreas urbanas, exclusivamente para trabalhador titular de conta vinculada do FGTS.

A linha de crédito financia até 85% de imóveis de até R\$ 400 mil, pelo prazo máximo de 360 meses. As taxas de juros efetivas variam entre 7,85% e 8,85% a.a.

### **Uso da capacidade atinge 80,1% em junho, diz CNI**

05/08/2015 – Fonte: Diário do Comércio

A indústria brasileira operou no mês de junho em ritmo acima do observado em maio, porém mas mais fraco do que em junho de 2014. O nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação atingiu 80,1% em junho, pelo dado dessazonalizado, uma alta em relação a maio, quando estava em 80,0%, informou ontem a Confederação Nacional da Indústria (CNI). Em junho de 2014, a utilização do parque fabril era de 80,7%, de acordo com os dados.

Apesar da ligeira expansão do uso da capacidade instalada, o faturamento real do setor de transformação apresentou queda de 5,5% em junho ante maio. Na comparação com junho do ano passado, registrou uma queda de 5,2%. No primeiro semestre houve queda de 7% no faturamento das empresas ante o mesmo período de 2014.

Já o emprego na indústria registrou piora em junho, atingindo o menor nível desde dezembro de 2009. Ante maio, houve retração de 0,7% no nível de emprego. Em relação a junho de 2014, houve um recuo de 5,7%, segundo a CNI. Entre janeiro e junho deste ano, na comparação ao mesmo período de 2014, o nível de emprego acumula uma queda de 4,6%.

As horas trabalhadas tiveram recuo de 1,1% em junho ante maio, a quinta queda consecutiva. Na comparação com o mesmo mês de 2014, a redução foi de 5,3%. De janeiro a junho, o indicador apontou um recuo de 8,6% em relação ao mesmo período do ano passado.

A massa salarial real, por sua vez, teve a primeira alta em quatro meses, subindo 0,8% em junho, na comparação com maio. De acordo com a CNI, o aumento se deve tanto ao pagamento da primeira parcela do décimo-terceiro quanto aos valores pagos a título de rescisão contratual.

Em relação ao mesmo mês de 2014, houve queda de 4,7%. No acumulado do ano até junho, houve um decréscimo de 4,5%. Na avaliação da entidade, o nível de atividade industrial, que já era baixo, ficou ainda menor no mês de junho.

**Pessimismo** - O quadro para a indústria em 2015 é fortemente negativo e não há sinais de reversão, avaliou ontem o gerente-executivo de Política Econômica da CNI, Flávio

Castelo Branco. Segundo o economista, o quadro recessivo do setor se intensificou no segundo trimestre deste ano.

Castelo Branco afirmou que todos os indicadores mostram queda no segundo trimestre, confirmando uma trajetória de queda. Ele explicou que o aumento de 0,8% na massa salarial em junho é principalmente explicada pelo aumento do desemprego.

"À medida em que as empresas reduzem seus contingentes, fazem demissão, tem que fazer alguns pagamentos relativos à dispensa e isso termina tendo esse paradoxo, que é o aumento da massa salarial. um aumento temporário que não se sustenta", avaliou.

Ele ressaltou que apesar do aumento de 80,0% para 80,1% no aumento da capacidade instalada de maio para junho, o quadro é de relativa estabilidade, mantendo um nível baixo. "Vamos ter quadro negativo para a indústria (em 2015) com absoluta certeza. A intensidade é que não sabemos", disse.

Na opinião de Castelo Branco, o quadro internacional é semelhante ao do últimos cinco anos. "Não há agravamento no quadro internacional", afirmou. Ele resalta que os efeitos do câmbio valorizado tem efeito rápido sobre a redução das importações, mas uma defasagem de tempo sobre as exportações. "A taxa de câmbio vai ter impacto positivo no setor manufatureiro, mas isso demora um tempo para ocorrer. Precisa ter um ambiente externo para ajudar. Um ambiente externo com pouca demanda não ajuda", explicou.

## O fim do trabalho?

05/08/2015 – Fonte: Carta Capital



O trabalho é ideia milenar nem sempre muito apreciada. A Grécia antiga não o tinha em grande conta e o considerava um inimigo da virtude, a cercear os homens de suas mais nobres aptidões, as quais deveriam ser desenvolvidas na filosofia e na política.

As sociedades industrializadas modernas, contrariamente aos gregos, celebram o trabalho como valor central, algo capaz de gerar riqueza e bem-estar, beneficiando o indivíduo e a sociedade.

Algumas tendências em curso sinalizam, entretanto, o declínio dos empregos estáveis, de tempo integral. Esse é o tema da matéria de capa da revista *The Atlantic* de julho/agosto de 2015, assinada por Derek Thompson.

A matéria é ilustrada com imagens que simulam um museu do futuro. Na página 50, traz um executivo com pasta e celular (legenda: "Trabalhador de tempo integral, *circa* 2016").

Na página 52, mostra um operário com capacete e planilha de controle (legenda: "Homem de fábrica do início do século XXI, extinto"). A pergunta subjacente ao texto é crua: e se o trabalho desaparecer?

A crise econômica do fim dos anos 2000 e a presente recessão brasileira nos levam a relembrar o drama do desemprego. Quando cortam quadros ou encerram atividades, as empresas projetam uma sombra sobre as comunidades. A arrecadação diminui, o

consumo cai, os serviços básicos são afetados, a coesão cultural é enfraquecida e multiplicam-se patologias sociais e os dramas pessoais.

Os últimos séculos foram marcados por reinvenções sucessivas do trabalho, da agricultura para a indústria e desta para os serviços. As transições foram traumáticas, mas cada estado final representou uma evolução em relação ao seu ponto de partida, com mais empregos e mais riqueza.

As tendências atuais apontam, entretanto, para a criação de uma massa paralela de destituídos, sem emprego ou competências para subsistir em um mundo intensivo em tecnologia.

Thompson identifica três grandes tendências. A primeira delas é a superação do trabalho pelo capital. Desde os anos 1980, as empresas investiram em reestruturações e em automação industrial, na busca de formas eficientes para organizar o trabalho e automatizar seus processos.

O resultado foi o enxugamento dos quadros e uma perda progressiva do poder de barganha do trabalho diante do capital. A segunda tendência é o desaparecimento progressivo do trabalhador.

Estatísticas norte-americanas indicam um aumento inexorável do percentual de homens que não estão trabalhando ou procurando por trabalho. A terceira tendência relaciona-se ao avanço das tecnologias de informação e comunicação.

Os impactos de mudanças tecnológicas podem demorar anos para se manifestar, mas quando ocorrem são contundentes. Vendedores, caixas, atendentes e funcionários de escritórios são os primeiros na linha de fogo.

O trabalho preenche três funções sociais: é uma forma pela qual a economia produz bens, um meio de as pessoas garantirem seu sustento e uma atividade que provê sentido e propósito à vida das pessoas. O que ocorrerá se as tendências acima mencionadas se aprofundarem?

A primeira função social parece cada vez menos dependente de trabalhadores. A economia poderá continuar produzindo bens, com menor número de empregos. Mas sem salários, quem irá consumi-los? A terceira função social poderá ser substituída, uma vez que há outras atividades passíveis de prover sentido e propósito para os indivíduos. Mas o que ocorrerá com a segunda função social? Como continuar a garantir o sustento sem uma oferta condizente de empregos.

Muitas pessoas detestam sua profissão, seu emprego ou ambos. Porém, perder o ganha-pão pode ser trágico. Nos países desenvolvidos, a infraestrutura madura e as redes de proteção social, aliadas a certa criatividade individual e doses crescentes de empreendedorismo, poderão tornar a vida na informalidade laboral passável, até recompensadora. Nos países em desenvolvimento, a transição poderá ser mais dura e trágica.

Entretanto, o pessimismo necessário deve ser temperado com doses homeopáticas de otimismo. Trabalhos estáveis e de tempo integral talvez sejam vistos no futuro como peculiaridade de uma época.

Os nostálgicos talvez lamentem seu desaparecimento. Outros talvez celebrem seu declínio, como uma porta aberta para o cultivo das virtudes, como desejavam os antigos gregos.

## **Fenacon alerta que medida afetará segmento econômico que congrega 99,2% de todas as empresas do País**

05/08/2015 – Fonte: Portal Contábil

A possível extinção da Secretaria da Micro e Pequena Empresa (MPE), cogitada pelo Governo Federal como forma de enxugar custos, pode trazer uma série de consequências para o segmento econômico que congrega 99,2% de todos os negócios do País, quase 60% dos empregos e 20% do Produto Interno Bruto (PIB), conforme alerta a Fenacon.

Para a entidade, esse é o único elo entre as MPEs e o poder público, pois a partir da criação dessa secretaria, evidenciou-se uma verdadeira porta de entrada para os anseios do setor.

A Federação Nacional das Empresas de Serviços Contábeis e de Assessoramento, Perícias, Informações e Pesquisas (Fenacon), que representa mais de 400 mil empresas dessas áreas, atua com foco no combate à burocracia e a redução da carga tributária para as MPEs.

“Entendemos que é necessário reduzir gastos, mas a Secretaria da MPE não pode ser extinta. Essa decisão pode afetar significativamente a economia brasileira, com a perda desse importante canal”, argumenta o presidente da Fenacon, Mario Berti.

Criada em 2013, a Secretaria é responsável por formular políticas de apoio a microempresas e empresas de pequeno porte, além de promover a qualificação, aumentar a competitividade e incentivar as exportações de bens e serviços.

Nesse período, conquistou vitórias que permitem a manutenção de milhares de empreendimentos e empregos, entre elas a universalização do Simples Nacional e a criação do Programa Bem Mais Simples, que desburocratiza os processos de abertura e fechamento das empresas.

Além disso, está diretamente envolvida na implantação do "Simples Social" e da unificação dos cadastros de Pessoas Físicas, projetos que podem restar prejudicados na eventual extinção.

Berti lembra que, apesar de concentrar mais da metade da população economicamente ativa brasileira, estima-se que apenas 30% a 40% dos pequenos negócios consigam manter-se até o quinto ano de sua existência.

“Administrar uma empresa implica em uma série de desafios, sobretudo em nosso país, onde a burocracia e a elevada carga tributária representam grandes obstáculos. Por isso, a manutenção da Secretaria da MPE é mais do que essencial”, reforça Berti.

## **Fim da aventura brasileira de Yunlihong**

05/08/2015 – Fonte: Automotive Business

Chegou ao **fim a aventura brasileira da Yunlihong**, fabricante chinês de caminhões e ônibus que em abril de 2012 anunciou investimento de US\$ 100 milhões (R\$ 185 milhões em valores da época) com recursos próprios para produzir seus veículos em Camaquã (RS). A produção deveria ter sido iniciada até o fim de 2014.

Segundo reportagem do Jornal do Comércio, de Porto Alegre (RS), após várias tratativas e adiamentos, no último dia 20 de julho a prefeitura da cidade escolhida para o empreendimento retomou o terreno de 22 hectares que havia doado para a instalação da fábrica, colocando assim um ponto final no projeto que se arrastou por pouco mais de três

anos desde a assinatura do protocolo de intenções entre a montadora e o governo gaúcho.

Outra área de 100 hectares que já estava reservada para futuras expansões não chegou a ser passada para o nome da empresa.

“A desistência é lamentável, mas já estávamos esperando a negativa”, admitiu ao Jornal do Comércio a secretária de Indústria e Comércio de Camaquã, Maristela Monteiro. De fato, foram feitos muitos anúncios, mas nada saiu do papel, levantando a desconfiança das autoridades municipais, que em junho passado deram prazo até julho para que a Yunlihong desse sua palavra final, uma vez que o acordo de cessão do terreno previa o início das obras da fábrica para fevereiro de 2014.

Assim como outros fabricantes chineses de veículos comerciais, a Yunlihong foi mais uma a ser atraída pelo crescimento exponencial do mercado brasileiro a partir de 2010, converteu o negócio de importações em investimentos na montagem local para atender as restrições impostas pelo governo em 2012, mas depois viu o projeto ruir por falta de financiamento, tanto da matriz na China como dos agentes brasileiros, e impossibilidade de atender às exigências de nacionalização explícitas do Inovar-Auto.

Além disso, o mercado entrou em forte recessão e colocou qualquer plano na gaveta. Embora ainda não tenham declarado oficialmente o fim de seus projetos no País, empresas como Sinotruk, Foton e Shacman enfrentam dificuldades parecidas para levar adiante os empreendimentos prometidos, todos paralisados no momento.

## **PROJETO FRÁGIL**

Em reportagem de **Automotive Business** de julho de 2013, a Yunlihong havia confirmado o investimento em Camaquã, com previsão de começar a produzir no fim de 2014 e intenção de a partir de 2016 fabricar 1,5 mil unidades/mês de modelos de caminhões leves e médios, de até 8 toneladas de PBT. Também tinha entrado no projeto a produção de implementos rodoviários no País, como cegonheiras, caminhões-tanque, graneleiros.

Ficava clara a falta de direção e fragilidade do projeto, já que na época a empresa não tinha feito e nem sabia se iria fazer sua habilitação ao Inovar-Auto para poder gozar dos descontos fiscais do programa, não tinha determinado qual grau de localização iria ter, nem se iria cumprir com os requisitos de nacionalização mínima de 60% para poder financiar seus produtos pelas condições vantajosas do Finame do BNDES, também não havia homologado um veículo sequer para venda no Brasil.

Seis meses depois, em outra reportagem de **Automotive Business** de fevereiro de 2014, a Yunlihong informou que os planos haviam mudado. A empresa tinha chegado à óbvia conclusão de que seria impossível competir no mercado brasileiro de caminhões sem a nacionalização necessária para obter os financiamentos do BNDES, responsáveis pela venda de 80% dos veículos comerciais no Brasil.

Em vez de fabricar caminhões em Camaquã, a chinesa disse que iria produzir chassis de micro-ônibus de 7 metros, em versões 4x2 e 4x4, por ser um produto mais fácil de nacionalizar.

A ideia era iniciar a operação depois de 2015 e, na sequência, começar a fazer caminhões e implementos na área de 100 hectares que a prefeitura local já tinha reservado para a empresa.

Nenhum dos planos seguiu adiante. Representante da empresa chegou a dizer à

secretária da prefeitura de Camaquã que, mesmo entregando o terreno, não tinha desistido do projeto. O site da Yunlihong continua ativo, mas ninguém atende no número de telefone divulgado da subsidiária brasileira.

## **Mercedes-Benz anuncia recall de 87 automóveis no Brasil**

05/08/2015 – Fonte: Automotive Business



A Mercedes-Benz convoca a partir da terça-feira, 4, os proprietários dos modelos Classe A 200, Classe B 200, CLA 45 AMG e GLA 200, fabricados entre 8 de setembro e 7 de novembro de 2014, para verificação do sistema eletroeletrônico. Em comunicado, a montadora informa que o recall envolve 87 unidades, que podem apresentar defeito na caixa de fusíveis dianteira.

Segundo a empresa, alguns fusíveis podem não ter sido montados corretamente, comprometendo alguns sistemas elétricos de segurança do veículo, tais como o sensor de ocupação do assento dianteiro, o painel de instrumentos, o limpador de para-brisa e os faróis do veículo.

Com isso, há possibilidade de o defeito afetar ainda o funcionamento do airbag frontal do passageiro, além de provocar o mau funcionamento dos equipamentos já mencionados, o que pode ocasionar acidentes e danos físicos aos ocupantes e terceiros.

A empresa orienta aos proprietários o agendamento do serviço de verificação dos fusíveis e sua substituição, se necessária, com duração do reparo estimada em 1 hora. Para dúvidas e mais informações, a Mercedes-Benz dispõe do telefone 0800 970 9090 e o site [www.mercedes-benz.com.br/consulta-recall](http://www.mercedes-benz.com.br/consulta-recall).

Confira os chassis não sequenciais envolvidos neste recall:

**Classe A 200:** de WDDBF4DWXFJ324787 a WDDBF4DWXFJ329127

**B 200:** de WDDMH4DW8FN108139 a WDDMH4DW8FN

**CLA 200:** de WDDSJ4DWXFN 141395 a WDDSJ4DWXFN

**CLA 45 AMG:** de WDDSJ5CWXFN 141980 a WDDSJ5CWXFN

**GLA 200:** de WDCTG4DW8FJ059017 a WDCTG4DW8FJ070455.